

I

Espalmada em córregos secos, numa terra de barro e areão que encarquilha ao sol; rasgados os campos pela estrada longa de asfalto ou por baforadas ronceiras de comboio — assim, no despontar da charneca, fica Cercal Novo: um clarim, uma igreja abraçada ao quartel, meia dúzia de casas ao correr da estrada, e principalmente um silvo, um delicado traço de fumo a alastrar sobre a planície:

«Uuuuu...»

«Comboio de Évora», dizem os militares nas casernas.

«Comboio de Évora», diz-se na cadeia, na enfermaria e na Casa do Soldado. «Comboio de Évora, comboio dos corrécios e de quem vai de licença.»

E ao balcão das vendas alguém canta:

Lá vai o comboio, lá vai

Lá vai ele a assobiar...

Estirado sobre um desses balcões, o cabo ferrador Três-Dezasseis assenta uma palmada no tampo de zinco:

«Chó!»

O grito varou de alto a baixo os dois recrutas que cantavam ao fundo da loja. Apanhou-os muito unidos, com o braço pelos ombros um do outro, e cortou-lhes a voz. Estavam sentados num banco comprido, como duas crianças amigas ou como os casais de namorados ao domingo nos jardins.

Agora os dois soldaditos molham os lábios (à imagem de certos animais quando esperam o ataque que os há-de devorar), mudos e atentos, e irremediavelmente presos àquele vulto que se debate contra o vinho para conseguir endireitar-se. Não se mexem nem dão sinal. Assistem às arrancadas, às indecisões, às teimosias do cabo, e tudo isso — movimentos desmantelados, arrancadas, indecisões — pode ainda fazer-lhes lembrar os comboios nas suas manobras de estação, saindo e entrando nos apeadeiros cheios de malas e de gente intrigada.

Também o tendeiro, do outro lado do balcão, não teve um gesto sequer. Não pensaria por certo em viagens e em comboios — estava, e está, como sempre: sentado numa indiferença de pedra, olhando a direito como se entre a sua pessoa e a porta que dá para a estrada não houvesse ninguém, positivamente ninguém. Nem mesmo esse militar em desespero de vinho que, a dois palmos dele, roça a cara pelo balcão, estende as unhas, os cotovelos, e é um mostrengo diante de dois recrutas assustados.

«Chó!»

Para medir o silêncio que cavou àquela ordem, Três-Dezasseis empertiga-se. Balança o corpo num mar grosso de vinho, tapa os ouvidos com as mãos. Mas mesmo através dos dedos, mesmo no meio do sono, sente o comboio a navegar:

«Uuuu... Uuu...»

«Chó!» Soluça, e ataca logo com novo grito: «Chó! Chó com a cantiguinha, já disse!»

Não se sabe se falou para calar de vez os recrutas, se o comboio, se os próprios soluços. Talvez tudo junto — o mundo, ele mesmo. E está alerta. Os outros nem piam.

«Uuuuu...»

«Mau...»

«Uuu...»

Três-Dezasseis cega, a taberna fica à mercê da sua ira e do apito que se perde lá fora. Tudo encolhido, tudo atento à provocação que vem de longe, do comboio. E ao sinal temido já se sabe: mais murros no balcão e o homem novamente aos berros.

«Chó, com catano! Chó!»

É uma disputa, um jogo entre o cabo e o comboio.

«Uuuuu...»

«Raios me partam... Chó, aí!»

«Chega», resmunga o tendeiro, enfasiado.

O cabo vira-se a ele, tão pronto como uma fera desconfiada:

«Chó também para você.»

O pior é que nesta dança repentina o corpo falha-lhe. As cardas das botas riscam o lajedo, o homem perde-se na tontura de uma volta em falso, mas, vá lá, consegue aguentar-se por milagre. Fica quieto, indeciso, e cortado por soluços. Pouco a pouco começa a vergar, a ceder, e o odre de vinho que ele é desaba outra vez sobre o balcão.

«Chó», rosna ainda, mergulhado numa grande modorra.

II

Os recrutas sentados num banco de pau ouvem-no agora rir em segredo. «Comboio de Évora», vai dizendo ele; e ri: «Eh, eh, comboio de Évora.»

Depois vêem-no alongar o braço à procura da medida de vinho e, rodando sobre si mesmo, ficar estirado em cima do balcão, a cobiçar o copo com olhos turvos.

«Comboio de Évora, comboio de Vila Real ou dos quintos dos infernos, o que eu quero é que tu te trabalhes.» Cuspiu para o lado: «Que te trabalhes.»

Silêncio. Tendeiro e recrutas têm um ouvido nele, outro na noite — no silvo que a noite consegue transportar.

Mas Três-Dezasseis mira e remira o copo que tem na mão e quando fala aperta-o, cheio de rancor. Refere-se ainda aos comboios, se bem que noutra tom:

«Comboios de mil e seiscentos diabos. Comboios e mais comboios por todo o lado e a esta hora em Álvaro já não há quem se lembre de mim.»

Lamentou-se para a bebida, sua companheira naquela altura. Vai levá-la à boca, atirá-la às goelas para arrumar definitivamente essa maldição. Mas arrepende-se e pausa-a no tampo de zinco. Com força, porque àquela hora em Álvaro já ninguém se lembra dele.

«Ninguém, conho.»

A recordação de Álvaro deve tê-lo amolecido ou, pelo menos, afastado do combate com o comboio da planície, com a liberdade

e com tudo quanto podia trazer a uma vila de tropa o apito indomável duma locomotiva. Os beiços negros de sarro começam a soltar-se, as palavras aclaram-se, mais brandas, mais seguras.

«Ninguém se lembra de mim e ainda bem.» O cabo arrasta o copo, acena-lhe tristemente: «O caso é esse, ninguém se lembra...»

Bem entendido, nada disto pode interessar a um taberneiro no seu negócio. Para ele, cumprir o tempo, assistir à freguesia a horas tão enfadonhas como esta, já é muito. O homem aqui presente, trajando de negro, fita de luto no boné, cigarro apagado na boca, está portanto para além da curiosidade, para além dos soldados e da tenda. Consulta o relógio, puxa-o pela fita de nastro (também negra), mas verá sequer as horas? Não é de crer. O cigarro continua pendurado, seco, o cabo Três-Dezasseis ainda se justifica diante do copo de vinho, os recrutas tremem. É tudo.

«Esqueceram-me, que o sei eu. Três-Dezasseis em Álvaro já não vale coisíssima nenhuma. E ainda bem. Verdade. Ainda bem, pois então. Vamos que eu aparecia lá na terra e que algum diabo se lembrava de me perguntar: *Então, moço, que andaste tu a fazer neste tempo todo?* É um supor, mas vamos que alguém se lembrava de perguntar?»

Pôs a questão a si mesmo, mas de qualquer maneira pretende uma resposta venha ela donde vier.

«Vamos, cara linda. Respondias, tu?»

«Eu?», arrisca um dos recrutas; e o caso é que o cabo nem deu por ele, de tal modo estava preso à imagem de Álvaro e à conversa que tecia consigo mesmo.

«Parece que estou a ouvir a minha velha: *Explica-te, alma de Deus, conta lá o que fizeste na tropa...*»

Quase sem esforço, Três-Dezasseis aproxima-se dos companheiros. Vem devagar, tresandando a sarro e a aspereza, e estaca diante das duas cabeças rapadas que se erguem para ele:

«Catorze meses fora de casa merecem uma resposta, conho. E o Três-Dezasseis à rasca, o Três-Dezasseis sem atinar com o que havia de dizer. Cabo ferrador? *Minha mãe, saiba você que fui cabo ferrador...* Ná. É curto, cara linda. Talvez artilheiro...